

Pedagogia da mística: as experiências do MST*

Pedagogy of mystic: the experiences of the MST

Claudemiro Godoy do NASCIMENTO**

Leila Chalub MARTINS***

Resumo: Neste artigo, queremos refletir sobre a pedagogia da mística enquanto espiritualidade cristã presente no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Mística que também se faz nas práticas pedagógicas e educativas do MST por meio de suas educações formal e não-formal com o intuito de fortalecer as lutas sociais desencadeadas pelo coletivo do movimento em suas várias vertentes. Dessa forma, a mística no e do MST se constitui um *aphantésis* (em grego: encontro) com o Deus da Vida. Esse encontro insere os sujeitos históricos do movimento na vocação permanente para “**Ser Mais**”, ser gente que quer brilhar e sonhar com uma nova sociedade. Neste sentido, queremos provocar reações críticas para que se possa entender as práticas do MST como um ato de misticidade que acontece no cotidiano de suas lutas e resistências.

Palavras-chave: Mística. Pedagogia. Movimento social. MST.

Abstract: In this article, we want to reflect on the Mystical Pedagogy as a Christian spirituality in the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (Movement of the Landless Rural Workers). We also found this Mystic in pedagogical and teaching practices of the MST by formal and non-formal education with the aim of strengthening the social struggles triggered by the movement in its various ramifications. Thus, the mystic in and of the MST constituted an *aphantésis* (meeting in Greek) with the God of Life. This meeting inserts the historical subjects of the movement in the permanent vocation to “**Be More**”, be people who want to light and dream about a new society. In this sense, we want to provoke critical reactions in order to be possible to understand the practices of the MST as a mystic acting that happens in its daily struggles and resistances.

Keywords: Mysticism. Pedagogy. Social movement. MST.

Recebido em: 13/06/2008. Aceito em: 24/09/2008.

* Texto apresentado na Conferência Internacional Educação, Globalização e Cidadania em João Pessoa – PB, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no período de 19 a 22 de fevereiro de 2008.

** Licenciado em Filosofia pela UCG. Graduado em Teologia pelo Instituto de Teologia Santa Úrsula. Mestre em Educação pela Unicamp. Doutorando em Educação pela UnB. Professor Assistente da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Universitário de Arraias – TO. E-mail: claugnas@uft.edu.br

*** Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp. Adjunta da Faculdade de Educação da UnB. E-mail: chalub@unb.br

Introdução

Podemos começar esta reflexão com uma analogia entre o texto do Evangelho de João 1, 14, que afirma: *“E a Palavra se fez homem e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade”*. Assim, por que não dizer também que **a Palavra se faz sem-terra e habita entre nós**. Alguns contemplam as lutas e vitórias; outros, influenciados pela elite burguesa dominante, os crucificam na calúnia, no desamor, na injustiça e na intolerância.

Nessa direção, queremos apresentar a pedagogia da mística a partir das experiências do MST e de seus atores coletivos que se fortalecem pela espiritualidade¹ para continuar a caminhada de lutas, de engajamentos e de busca constante por uma sociedade mais justa e solidária. Mística que se faz presente no dia-a-dia dos sem-terra que, espalhados pelo Brasil, unem-se numa comunhão de esperança na luta pelos direitos sociais de Reforma Agrária, de Educação, de Saúde, de Agricultura Familiar e, com isso, conseguem estremecer os palácios do poder constituído.

Não pretendemos destacar outros aspectos do MST que não seja a importância da mística enquanto ação pedagógica que fortalece, encoraja, estimula, ensina, cria e recria novas ações coletivas por parte dos trabalhadores rurais. A mística concretiza-se no momento em que os sem-terra se encontram com os três pilares que fundamentam sua caminhada, a saber: o encontro com si mesmo, com o outro e com Deus (BOFF, 1998).

Dividimos esta reflexão em três partes que se complementam, para que possamos entender toda a dinâmica na qual se insere a mística enquanto ação pedagógica no MST. Dessa forma, no primeiro momento analisamos a mística enquanto espiritualidade que liberta, tendo em vista que, em geral, os sem-terra são cristãos (católicos e evangélicos). No segundo momento, refletir-se-á

a mística enquanto ação pedagógica que ensina e dá forças para que os sem-terra possam construir demandas e bandeiras de luta. E, por fim, analisamos como acontecem os momentos de mística e quais são os principais símbolos do MST, bem como sua importância para os camponeses.

Mística-Espiritualidade: sinais da vida

Como pensar, em comunhão e liberdade de espírito, a mística e a espiritualidade da libertação para o século XXI? Como continuar dando passos concretos na busca da justiça social em tempos de retorno do moralismo e do tradicionalismo fundamentalista que ronda as atitudes e práticas religiosas? São questões que os cristãos e outras religiões devem buscar compreender. Por isso, queremos refletir a mística a partir da tradição cristã que se encontra com maior enraizamento na cultura brasileira e nas ações pedagógicas do MST.

Antes de tudo, precisamos entender que toda mística tem como sentido último a libertação das pessoas. A mística é uma adesão pessoal a um projeto de vida a ser vivido em comum por um grupo social, ou seja, por um determinado coletivo de pessoas. Os cristãos possuem sua mística. Na tradição cristã existem muitas formas de mística nas diversas denominações. Os católicos, os anglicanos, os luteranos, os ortodoxos, os evangélicos enfim, cada um vive a sua mística/espiritualidade. E, ainda, no interior de cada denominação religiosa existem grupos que vivem diferentemente o projeto místico.

Nas primeiras comunidades cristãs, a mística-espiritualidade cristã estava sendo vivida sob a égide da perseguição do Império Romano e da perseguição de grupos extremistas do judaísmo. Hoje, vive-se a mística-espiritualidade cristã da libertação sob a égide do culto ao deus mercado impulsionado pelo avanço do Império Neoliberal. Império que ronda o planeta como única via e que amplia seu território de fixação da doutrina e estimula a escravidão das consciências, principalmente, das massas que são chamadas a se tornarem consumidoras desse mercado total.

Pensar a mística-espiritualidade fora e distante das realidades humanas significa transformá-la em ritualismo ou em falta de sinceridade com

¹ A Mística, tal como é vivida pelos integrantes do MST, pode ser entendida como parte do fenômeno religioso na sociedade contemporânea, particularmente no Brasil. Como outros movimentos, a Mística apresenta significativa e crescente inserção na sociedade nacional, por razões de natureza política, histórica e sociológica, e dialoga, compatibilizando sua visão de mundo, com as religiões do cristianismo. Para compreender o fenômeno religioso atual, ver Carvalho (1991).

o projeto, ou seja, ela torna-se um espiritualismo desencarnado, sem compromisso com a caminhada das comunidades, que devia ser caminhada em busca do que os cristãos chamam de **Reino Definitivo**, local em que todos e todas podem vivenciar o “*tenham vida e vida em abundância*” (Jo 10,10). Alguém poderia perguntar: como saber qual deve ser nossa mística-espiritualidade? Primeiro, abrir-se ao clamor dos pobres e de todo o povo que clama por libertação; e, também, ao vento do Espírito que sopra e age onde quer. Além disso, torna-se necessário **indignar-se** com as realidades desumanizantes provocadas pelo sistema neoliberal no qual vivemos. Nesse sentido, afirma contundentemente Frei Betto:

Seqüestradas as utopias, aceitamos a loteria das leis do mercado. Outrora, os pobres do mundo podiam, ao menos, sonhar com um sistema alternativo que devolvesse a todos o que é fruto do trabalho de todos. Porém, a elite socialista – e, principalmente a capitalista² – julgou que a democracia fosse direito burguês e a participação popular, ameaça ao centralismo. Esticada ao extremo, a corda arrebentou – na cabeça dos pobres, que agora só contam com suas próprias e frágeis forças para se defender da supremacia do capital. (FREI BETTO, 2001, p. 62).

Dessa forma, a mística-espiritualidade pode ser definida como sendo as motivações, os ideais, as utopias, a paixão pela qual se vive e se luta. Mística-espiritualidade é aquilo que contagia a caminhada. Os espiritualismos estão repletos de doutrinas, ritos, dogmas sem nenhuma paixão, ideais e vida. Falta-lhes o essencial da experiência com o sagrado. A mística-espiritualidade possui a liberdade de espírito. Os espiritualismos, ao contrário, fazem com que as pessoas vejam o mundo de forma mecânica. Para os cristãos e as cristãs de ontem e de hoje o importante é agir conforme o espírito do Reino, tendo como eixo norteador a mística-espiritualidade do seguimento à causa. Outros espíritos se afirmam na história, tais como: o espírito do romanismo, o espírito do capitalismo, o espírito da lógica do mercado neoliberal, o espírito do liberalismo, entre outros. Para o cristianismo resta servir ao espírito do Evangelho, pois “*não se*

pode servir a dois senhores”.

A mística-espiritualidade é patrimônio de toda a humanidade, de todos os povos da terra. Toda e qualquer pessoa é animada por uma mística-espiritualidade que a contagia na caminhada. Alguns são contagiados pelos valores do Evangelho, outros pela sedução do mercado neoliberal, outros pela valorização da cultura perdida.

Assim, a mística-espiritualidade não se refere somente às religiões. Ela é algo do próprio ser humano, que é um ser fundamentalmente espiritual-material³. Mas, toda mística-espiritualidade é também algo religioso. Existem místicas-espiritualidades religiosas e não-religiosas. Para a tradição cristã a mística-espiritualidade é, acima de tudo, religiosa. É nela que se faz a experiência com o Deus da Vida. No entanto, não basta a religiosidade. É preciso e necessário que a religião esteja profundamente arraigada pela mística-espiritualidade, ou seja, é preciso que haja autenticidade no seguimento ao projeto de Deus, ao Reino. Fácil seria se a mística-espiritualidade fosse entendida somente como sendo prática ritualista ou compromisso mecânico de ir à missa ou participar de algum evento religioso. Não, mística-espiritualidade é algo mais comprometedor que engaja a pessoa humana na luta pela vida, pelo Reino.

Em que consiste a experiência mística? É o encontro da razão última da existência ou a possibilidade de dar à existência um sentido. É o sentido de voltar-se para o outro e para os outros numa dinâmica que vai mais pessoal ao mais social e que pode ser descrita como experiência de Deus. Pode ser descrita também como experiência permanente da paixão! Quem já esteve apaixonado algum dia, sabe que, na paixão, a presença do outro é mais forte que a presença de você em você mesmo. (FREI BETTO, 2001, p. 116)

Pode-se viver a mística-espiritualidade em dois sentidos, a saber: a) de forma personalizada, consciente e livre, que abranja todas as dimensões

² Grifo nosso.

³ Para o filósofo cristão Emmanuel Mounier (1976) a pessoa é essencialmente matéria e espírito, corpo e alma, transcendente e imanente. Na filosofia personalista de Mounier não há dicotomias e dogmatismos platônicos; há convergência, integração e união daquilo que historicamente foi posto como separado e divisível. É nessa fonte que o MST, em sua mística da libertação, vai buscar inspirações.

do ser do Homem (alma e corpo, pensamento e vontade, sexo e fantasia, palavra e ação, interioridade e comunicação, contemplação e luta, gratuidade e compromisso), pois cada pessoa a vive de forma única; b) de forma encarnada na história, hoje e aqui, na América Latina e nas comunidades, com suas dores e alegrias. Viver as duas dimensões da mística-espiritualidade abre caminhos para se viver concretamente o que Dom Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil chamam de Espiritualidade da Libertação (CASALDÁLIGA; VÍGIL, 1995; CASALDÁLIGA, 1998).

A mística-espiritualidade não pode reprimir a realização pessoal e o vôo do Espírito. Isso seria ir contra o Evangelho da Liberdade anunciado por Jesus. O perigo dos espiritualismos é cair numa formação espiritual dispersiva, mutilada, dicotômica, unilateral e mecanicista. A vida do ser humano é importante nesse processo e ela pode ser entendida como problemática (mistério), como um desafio (uma missão), como um espaço (graça). E assumir esse espaço requer atitudes, mediações, com a finalidade de se atingir a opção fundamental na vida.

Mística-espiritualidade é vida. Vida não se ensina, mas se experimenta. Assumir o seguimento significa viver uma mística-espiritualidade. Viver a mística-espiritualidade do seguimento a uma causa significa, hoje, assumir as dores e angústias, alegrias e festas do povo ao qual se pertence. Se estivermos na América Latina, no Brasil, em Goiás, numa comunidade eclesial específica, significa assumir o seguimento a Jesus nessa realidade de vida. Ter-se-á, assim, a vivência concreta de uma mística-espiritualidade religiosa, cristã, latino-americana e libertadora. Mística-espiritualidade do “Povo Novo”, que, para o bispo profeta Pedro Casaldáliga, possui as seguintes características: lucidez crítica, a contemplação na caminhada, a liberdade dos pobres, a solidariedade fraterna, a cruz e a conflitividade, a insurreição evangélica ou a Revolução da Boa-Nova e, por fim, a teimosa esperança pascal. (CASALDÁLIGA, 1998, p. 13-14).

Tais características do Povo Novo apresentam-se às pessoas, hoje e aqui, na América Latina mundializada para todos os povos da Terra. Elas não sobrevivem sem o fortalecimento da Mística-Espiritualidade da Libertação, interpelada por

uma profundidade pessoal, pelo reinocentrismo, por uma espiritualidade do essencial e universal cristão, pela localização na realidade histórica dos pobres, pela crítica, pela práxis e pela integridade sem dicotomias e sem reducionismos (CASALDÁLIGA, 1998, p. 14).

Assim, podemos definir a Mística-Espiritualidade da Libertação como cristológica, situada historicamente no social e nas comunidades cristãs, na cruz da profecia e do conflito, na gratuidade e na exigência do Evangelho, na contemplação libertadora e no anúncio incondicional do Reino, e na denúncia do anti-Reino. Mística-Espiritualidade da Libertação que se enraíza nas culturas oprimidas da história, herdeira do sangue de muitos e muitas que tombaram doando a vida e o sangue do martírio, profeticamente alternativa ao sistema de morte, na co-responsabilidade eclesial e, por fim, com profundo espírito ecumênico e macro-ecumênico.

Esse é o sentido da mística-espiritualidade para um determinado grupo social influenciado pela Teologia da Libertação, que veremos adiante. O que nos interessa é que a mística, seja ela cristã ou não, é uma forma de adesão a um projeto de vida. Por isso, em nossa concepção, a mística apresenta-se na forma de ação pedagógica que ensina os oprimidos a se organizarem na luta social.

Mística enquanto práxis pedagógica: para além da escola

Mística é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento. Mexe no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir, prazer e arrependimento. (...) Quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando. (...) Mas a mística não é só bondade, às vezes serve-se da ansiedade para angustiar o corpo inteiro. Como uma chama no candeeiro que bebe o líquido que está dentro, provoca todos os talentos e esgota as capacidades. Desafia as habilidades para enfrentar certos apuros, nos cobra para

sermos mais maduros diante dos acontecimentos. (BOGO, Ademar⁴. **À Mística**).

A práxis pedagógica pensada e construída para o meio urbano é aplicada pelo sistema oficial de ensino ao meio rural sem que se faça qualquer adaptação, conforme já afirmou Neto (1999). Buscando solução para esse problema, o MST afirma a suma importância da educação e da reforma agrária para libertar o trabalhador rural da condição de explorado. É importante conhecer então como é a organização educacional e a formação do cidadão militante do Movimento, apresentando à sociedade o MST que os meios de comunicação ainda não divulgaram por não fazer parte da ideologia noticiária do Brasil.

Para se compreender o processo de formação pedagógica do MST é essencial que se perceba uma formação em movimento. O Movimento circula, circulam os sujeitos que fazem o Movimento. (DUTERVIL, 2005). São redes de formação pedagógica em movimento.

O depoimento da Professora Antonia, da escola do Assentamento Vila Diamante, no Maranhão, colhido por Dutervil (2005, p. 14), quando esta fazia sua formação no curso de Pedagogia da Terra, no Rio Grande do Norte, demonstra a força do processo formativo do Movimento:

“Eu me transformei, passei a ver o mundo de uma forma diferente, deixei de ser acomodada, o magistério me fez crescer muito, eu era muito agressiva, muito individualista, até porque a gente nasce nesse processo, não pensava muito no coletivo, nas pessoas, na mudança, não tinha muito esse sentido, mas quando eu comecei a estudar no magistério de Veranópolis (RS), porque lá no curso passei a participar das críticas e autocríticas, avaliações e aí eu comecei a mudar, passei a ser mais humana, hoje eu posso dizer que eu sou totalmente diferente, não sei se eu ia me adaptar de novo a dar aula fora da área do assentamento, já estou muito habituada”.

A mesma autora relata como sentiu a força de uma ocupação, como estratégia formativa da

pedagogia do Movimento:

“No momento da pesquisa em que eu estava no curso de Pedagogia da Terra, tive a oportunidade de participar da ocupação de um espaço do Centro de Formação Patativa do Assaré. Foi uma atividade promovida pelo núcleo de base da turma responsável pela mística naquele dia. A ocupação do espaço físico também aflorou o sentimento de uma ocupação do latifúndio do saber, do monopólio da construção do conhecimento. Nesse momento, o Movimento ocupou meu coração, fui contagiada com uma emoção e efervescência coletiva impressionantes, e pude constatar que a força que derruba as cercas também forma as pessoas e as faz avançar, porque cada um sente a força de todos multiplicada, o ecoar uníssono das palavras de ordem revigora o ânimo coletivo.” (DUTERVIL, 2005, p. 25).

Sabemos que não é recente a luta pela reforma agrária no Brasil. A inovação está na junção da luta pela redistribuição de terras e novas formas de organização cultural e educacional. Falamos de uma reforma agrária com caráter socialista, que visa a uma sociedade igualitária, mais justa e inspirada em outras lutas regionais. Por isso mesmo, o MST se diferencia porque abrange todo o território nacional com um propósito valorativo (axiológico), humano e social, na busca constante da conquista da terra por homens e mulheres preparados e responsáveis para o trabalho coletivo, tendo como base dessa organização um novo processo educativo e uma nova cultura política. Por isso, como foi demonstrado pelos depoimentos de Dutervil (2005), surge dessa experiência mística um novo comportamento humano e uma nova cultura política vai se desenhando nesse universo.

As referências e preferências nos comportamentos humanos não são apenas herdadas, mas, principalmente, aprendidas. A educação ganha destaque, não tanto por seus aspectos na área do ensino formal, mas pelos aspectos não-formais, do aprendizado gerado pela experiência cotidiana. Os indivíduos escolhem, optam, posicionam-se, recusam-se, resistem ou alavancam e impulsionam as ações sociais em que estão envolvidos, segundo a cultura que herdaram do passado e na qual estão envolvidas no presente. (GOHN, 2001, p. 54).

⁴ Ademar Bogo é poeta, filósofo e dirigente do MST. São livros seus: Vigor da Mística, Lições da luta pela terra, Gerações, Arquitetos de Sonhos. É considerado um dos ideólogos da mística sem terra.

Visando à extinção da desigualdade social e à construção da dignidade humana, o MST compreende que é imprescindível transformar a atual estrutura da propriedade rural, sendo que a utilização da terra pode ser familiar, associativa e cooperativa. Reivindicando transformação social, o MST traz em seus princípios básicos as seguintes questões: garantir trabalho para todos e todas; produzir alimentação farta, barata e de qualidade para a população brasileira; buscar justiça social e igualdade de direitos; difundir valores humanistas e socialistas; criar condições igualitárias de participação da mulher na sociedade; preservar e recuperar os recursos naturais; implementar a agroindústria e a indústria como fator de desenvolvimento sustentável para o Brasil.

O processo de ocupação em massa de terras pelo MST é feito com a conscientização, organização e preparação das famílias com meses de antecedência, pois o Movimento exige de seus militantes autoconfiança e autodisciplina que os tornem resistentes contra os ataques da elite capitalista existente no chamado Brasil Rural, tão preconizado pelos meios de comunicação como sendo a salvação da “*lavoura*” para a economia agropecuária. Nesse sentido, o MST se inspira nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nos estudos bíblicos dos agentes de pastorais e em alguns líderes revolucionários que podem conduzir os trabalhadores rurais à consciência crítica da realidade e despertá-los para a luta em defesa da classe trabalhadora.

Vivemos numa sociedade onde a divisão de classes e os interesses estão evidenciados nas correlações de forças que se formam no bojo das representações sociais. Assim, não se pode simplesmente fechar os olhos para o fato: a existência de oprimidos e opressores. A pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1987), seus sonhos e suas utopias destinam-se a ajudar os oprimidos a se libertarem da dominação exercida pelos opressores. Por isso é imprescindível que os atores consigam ter o direito de saber e dizer a “*sua palavra*” com criticidade, restaurando suas subjetividades, humanidade e liberdade, até então reprimidas pela classe dominante hegemônica.

O primeiro passo para se realizar a pedagogia do oprimido é o diálogo. O diálogo acontece entre dois sujeitos ou na caracterização histórica

entre sujeito-objeto. Preferimos a categoria sujeito-sujeito. O diálogo requer a tomada de atitude daquele que fala e daquele que escuta, e vice-versa. Assim, a conscientização acontece por meio do diálogo em comunhão do oprimido com o oprimido, sobre suas situações de vida e de existência. Conscientização significa passos concretos rumo à libertação. Essa libertação é conquistada em conjunto, no coletivo, na comunidade, pois “***ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em comunhão***”, conforme afirmou Freire (1987, p. 52). Este é o encontro dos homens para sua real vocação de *Ser Mais*, pois todos somos seres inconclusos, em processo constante. Essa tarefa é impossível sem a pedagogia da mística.

Daí a grande importância de repensarmos a necessidade de um educador problematizador, que auxilie os educandos e educandas a realizarem a práxis (reflexão e ação para a transformação) a serem críticos, ativos. O diálogo deve sempre estar voltado para a realidade e para o mundo do educando, para que os debates – o que Paulo Freire chama de “*círculos de cultura*” – possam ter sentido. Sem a mística, esse diálogo deteriora-se.

As educadoras e os educadores do MST assumem a mística não como um momento, mas como a própria vida na comunidade. É o que evidenciam os depoimentos a seguir, colhidos por Dutervil (2005, p. 31):

“Eu e a Ecieude às vezes dizemos assim: Ah, nós estamos perdendo a mística, porque a mística para nós é o que alimenta os nossos ideais, o nosso objetivo de mudança, é o que faz a gente ter uma utopia e através daquela mística a gente vai transmitindo para as pessoas nossa ideologia. Pois é, para mim mística é isso, ela faz parte do nosso dia a dia, não se resume só numa apresentação...”

“Eu vou para a ocupação, para encontros, isso fortalece, acho que é um espaço de fortalecimento da mística, eu, enquanto pessoa. A mística eleva nossa auto-estima, você vê que tem um sentido continuar vivendo. Eu digo: eu pertenço a esse grupo, eu quero continuar nessa luta, porque é isso que eu acredito. Pertencer é ter crença.”

A dialogicidade é a essência da ação revolucionária. O educador ou a educadora terá o su-

cesso apenas quando basear-se no amor e na fé nos homens e mulheres em processo e, também, na humildade. Essas atitudes farão surgir confiança entre os sujeitos do diálogo. O diálogo torna-se representação simbólica entre os sujeitos, daí sua misticidade pedagógica.

No entanto, quando se conscientizam de sua condição oprimida, os oprimidos muitas vezes sentem medo da liberdade e não se acham capazes de assumi-la. Travam uma luta para serem eles mesmos ou serem duplos, para expulsarem ou não os opressores “dentro” de si. Outro problema aparece quando os oprimidos se tornam “novo homem” e passam a oprimir os outros. Nesse sentido, os opressores se utilizam de vários artifícios para perpetuar sua dominação. Buscam, por exemplo, conquistar os oprimidos por passar uma visão de messianismo, dando-lhes **pão e circo**. Mas, essa generosidade é falsa, pois quando aparentam “salvar” uma ou duas pessoas, estão na realidade explorando e desumanizando dezenas delas. “O que eles querem é salvar a si mesmos. É salvar sua riqueza, seu poder, seu estilo de vida, com que esmagam os demais”, como afirmou Paulo Freire (1987).

Os opressores invadem a cultura das pessoas e impõem a elas a sua visão de mundo para manipulá-las e as impedirem de pensar. Quando surgem os que não se sujeitam a tal opressão são chamados de “rebeldes”, “violentos”, essa massa de gente “cega”, “invejosa” e “selvagem”. Tudo isso é veiculado por outros meios de dominação, que são os meios de comunicação de massa. Assim, os que já se tornaram alienados passam a pensar como os opressores. Sabemos que:

Para as elites dominadoras, esta rebeldia, que é ameaça a elas, tem o seu remédio em mais dominação – na repressão feita em nome, inclusive, da liberdade e nos estabelecimentos da ordem e da paz social. Paz social que, no fundo, não é outra senão a paz privada dos dominadores... As massas populares não têm que, autenticamente, “ad-mirar” o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador. (FREIRE, 1987, p. 66; p. 123).

Nessa visão distorcida da educação não existe saber, criatividade e nem transformação,

não existem sonhos e utopias. Há na verdade, de maneira camuflada, a cultura do silêncio, ao se fazer com que as pessoas, desde crianças, sejam proibidas de atuar em sua sociedade para realmente transformá-la. Assim, a educação se torna uma prática de dominação e não de liberdade. Por isso, sem sonhos e utopias não há pedagogia da mística. O sonho e a utopia são os fundamentos da pedagogia da mística existente no MST.

Analisando todo esse conteúdo contido nos sonhos e nas utopias sempre bem-vindas da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, observamos que os educadores e educadoras devem ser agentes de transformação e não simplesmente agentes de mudança. Devem aguçar em nossos educandos e educandas, e na sociedade como um todo, o senso crítico e a importância de se unirem para dizerem as suas palavras.

*(...) é preciso, pois, que o povo se organize... Preciso de vossa **união** para que possa lutar contra os **sabotadores**, para que não fique prisioneiro dos interesses dos **especuladores** e dos gananciosos em prejuízo dos interesses do povo. (FREIRE, 1987, p. 148).*

Pode-se fazer o mesmo no campo da educação por meio da mística, que possui em si mesma, como veremos adiante, uma ação pedagógica que reivindica direitos de **cidadania popular não-burguesa**, reivindica o direito de sonhar e ter utopias. Isso será muito oportuno, pois os opressores não morreram e devem continuar sabendo que a sociedade não pode se alienar a eles, que todos e todas estão conscientes das atitudes desumanizadoras a que se propõem para continuar conseguindo atingir seus objetivos egoístas. Ainda será possível sonhar e ter utopias em nossa sociedade atual? O MST nos responde a partir da pedagogia da mística, que fortalece os sujeitos em sua luta contra o dilúvio neoliberal, a iluminação racionalista e as práticas fideístas de alienação religiosa.

As místicas no MST: Aphantésis com o Deus da Vida

A necessidade de sonhar é intrínseca a cada um de nós. E não é só isso: é também o desejo de nos suplantar, de nos superar. O humano é um ser que não cabe em si mesmo. Daí que

a experiência mais profunda do ser humano é aquela que o arranca de si mesmo em direção a um outro – a experiência do amor. A isso a tradição cristã chama “mística”. (FREI BETTO, 2001, p. 115-116).

Passamos agora a discutir sobre a mística no MST enquanto ação que ensina e fortalece os atores na luta de cada dia. As místicas do MST são um verdadeiro **aphantésis** com o Deus da Vida, segundo os próprios militantes do movimento. **Aphantésis** em grego significa encontro, estar junto, encontrar-se numa mesma comunhão. Daí a associação entre o encontro dos sem-terra, camponeses em luta, em marcha, em resistência constante numa verdadeira comunhão com aquele que chamam carinhosamente de Deus da Vida e Mãe da Vida. Com isso, podemos perceber que o próprio sujeito coletivo realiza uma dialogia entre o imanente e o transcendente, entre o sagrado e o profano, entre Deus e o povo.

Nesse sentido, o MST rompe com duas tradições que realizam um dualismo entre as categorias acima citadas. Na própria tradição cristã agostiniana, na reforma protestante e no calvinismo temos o dualismo entre mundo imanente e mundo transcendente. Para as referidas tradições, o estado imanente do corpo, da carne, das mazelas humanas jamais poderá se associar ao estado transcendente de Deus, do divino, do santo. Daí nosso interesse em desvendar como o MST consegue reunir aquilo que, historicamente, se encontra separado pela tradição histórica da religião cristã que se faz presente no imaginário social brasileiro.

Essa associação pode ser explicada pela influência que o MST teve por parte da Teologia da Libertação impulsionada na América Latina nos anos 70 do século XX, que tem suas raízes no chamado existencialismo cristão europeu, com filósofos como Emmanuel Mounier (1967; 1976) e Gabriel Marcel (1966). Mounier é o filósofo da Pessoa Humana. Sua obra mais conhecida é o *Personalismo*. Ao contrário do senso comum atribuído à categoria **personalismo**, Mounier a entende como valorização da pessoa humana em todos os sentidos. Ele (1976, p. 15) afirma categoricamente que *“a pessoa é antes de mais nada o não, a recusa de aderir, a possibilidade de se opor, de duvidar, de resistir à vertigem mental e correlativamente a todas as formas de afirmação coletiva quer sejam*

teológicas, quer sejam socialistas”, e quer sejam capitalistas. Daí o ser humano ser coletivo e individual, individual e coletivo.

Por isso, Mounier (1976) é contrário a todas as formas de nihilismos e ceticismos que rondavam as mentes da primeira metade do século XX. É um crítico feroz do capitalismo que impulsiona a cultura do individualismo, bem como do dogmatismo marxista que percebe o Homem como ser coletivista. Tal crítica procede devido a seu pensamento filosófico mais amplo em relação ao dualismo existente na história desde Platão até os existencialismos do século XX, que vai ser combatido pela revolução personalista e comunitária e, para Gabriel Marcel, pela revolução da esperança num mundo desigual e inseguro para os pobres.

Esse pensamento do existencialismo cristão foi fundamental para a realização das transformações na Igreja Católica no século XX, que passa a assumir com mais fidelidade a gênese das primeiras comunidades cristãs. Com isso, tivemos o chamado **aggiornamento** eclesial, que possibilitou a abertura da Igreja ao mundo por meio da realização do Concílio Ecumênico Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-Americanas, que fundamentaram o surgimento de um movimento interno denominado Teologia da Libertação. Seus maiores expoentes são os teólogos Leonardo Boff, no Brasil, e Gustavo Gutiérrez, no Peru.

Em 1979, a Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla já mencionava o rosto dos excluídos da sociedade da América Latina e que foram reafirmados pelo Documento de Santo Domingo (*SD, 178*), em 1992. Os rostos dos excluídos foram assim denominados por serem

(...) rostos desfigurados pela fome; rostos desiludidos por promessas políticas não cumpridas; rostos humilhados de quem têm sua cultura desprezada; rostos aterrorizados pela violência diária e indiscriminada; rostos angustiados dos menores abandonados; rostos das mulheres desrespeitadas e humilhadas; rostos cansados dos migrantes sem acolhida digna; rostos dos idosos que não têm o mínimo para viver dignamente. E a lista poderia ser maior, de tanto que sofre nosso povo.

O rosto imanente e bondoso de Deus está, certamente, no rosto humano dos pobres e oprimidos por um sistema feroz alicerçado na lógica

do capital. Daí a questão fundamental para compreendermos a Teologia da Libertação, que, em nossa concepção, se faz presente na Mística Libertadora do MST. Como ser gente, pessoa humana, num mundo de miseráveis? É nesse cenário que o MST recebe a influência da Teologia da Libertação, como o próprio dirigente do movimento, Gilmar Mauro, destaca por meio das palavras da socióloga Maria da Glória Gohn:

Sabemos que o movimento surgiu da articulação de idéias da esquerda marxista com pressupostos cristãos da Teologia da Libertação. Segundo Gilmar Mauro, um dos principais dirigentes a nível nacional do MST, o movimento teria trazido três “coisas boas” da Igreja. A primeira: trabalhar com a simbologia, a mística de trazer o futuro para o presente. A segunda: o vínculo com as bases, o povo propriamente dito. E a terceira: o espírito missionário. “Nós nos vemos como sacerdotes que estão cumprindo uma missão política”. (GOHN, 2000, p. 116).

A mística no MST possui exatamente essa dimensão de fortalecer seus atores na caminhada de luta social. Mas a questão é muito mais profunda. Por isso, na fala de Gilmar Mauro o que nos interessa é a primeira “coisa boa” da Igreja: exatamente a simbologia da mística libertadora. Para compreendermos a pedagogia da mística existente no MST na atual fase, precisamos recorrer a alguns conceitos próprios da Teologia da Libertação.

A mística é antes de tudo **iracúndia**, indignação com a realidade desumana promovida pela lógica do capital. Portanto, a mística torna-se um gesto de protesto ao estabelecido, à ordem alicerçada na economia, na globalização, no individualismo, na competição, na minimização do ser humano e em sua coisificação e também, mesmo que não pareça, no racionalismo burguês.

A teologia da libertação utiliza a categoria pobre. Mas quem são os pobres para os teólogos da libertação? O teólogo Clodovis Boff nos responde:

(...) são os operários explorados dentro do sistema capitalista; são os subempregados, os marginalizados do sistema produtivo – exército de reserva sempre à mão para substituir os empregados – são os peões e posseiros do campo, bóias-frias, como mão de mão-de-obra

sazonal. Todo este bloco social e histórico dos oprimidos constitui o pobre como fenômeno social. (BOFF, 2001, p. 15).

Trata-se de uma posição próxima da concepção dada por Claus Offe (1984), ao criticar as estruturas do capitalismo. Segundo Offe, a industrialização capitalista realizou processos de desorganização e de mobilização da força do trabalho (trabalhadores) utilizando-se de determinados mecanismos que produziram o efeito comum de destruição “*das condições de utilização da força de trabalho*”, o que atingiu de cheio determinados indivíduos na sociedade. Esses indivíduos atingidos não conseguem mais, por meio da força do trabalho, as suas condições materiais de subsistência. Trata-se de um velho problema já apontado no século XIX por Marx e Engels, sobre a questão da oferta e da procura.

A oferta para que haja mais força de trabalho é bem inferior à procura dos indivíduos que se encontram à margem. Diante desse argumento, Offe faz a distinção entre **proletarização passiva** e **proletarização ativa**. A proletarização passiva se evidencia a partir dessa destruição das formas de trabalho e de subsistência e faz parte do processo de industrialização. Trata-se de uma forma de “**desapropriação**”, pois é negada a determinados indivíduos a utilização da força de trabalho para sua subsistência. Contudo, há uma transitoriedade permanente entre aqueles que se encontram na condição de proletarização passiva para a proletarização ativa, já que constantemente estão oferecendo sua força de trabalho no mercado.

Nesse sentido, a Teologia da Libertação pode ser apresentada como uma ação que liberta na ação, por isso é contrária a toda forma de assistencialismo e de reformismos. Além disso, um segundo passo da Teologia da Libertação é a não separação dualista entre fé e razão, pois se as separarmos, a sociedade, ou os grupos sociais, ou o próprio indivíduo tendem a cair no fideísmo ou no racionalismo. Por isso, a reflexão da fé acontece por meio da prática libertadora.

Toda a mística realizada pelo MST é uma espécie de clamor dos pobres. Clamor não no sentido de mendicância ou aderência ao sistema, mas de oposição ao estabelecido, ao pronto. É o manifesto onde os sujeitos históricos são os pobres. Clamor

significa compreender que existem necessidades vitais não satisfeitas aos seres humanos. O que importa é a aprendizagem da escuta do clamor dos pobres. Segundo Assmann (1990: p. 13), “*a estrutura da escuta da fé (e também das opções políticas) e a organização da esperança, pessoal e coletiva, embasam-se, mais que tudo, em formas testemunhais de comunicação*”. A mística no MST é uma forma testemunhal de comunicação, de dialogia.

A pedagogia da mística no MST é um espaço de aprendizagem da escuta ao clamor que brota do silêncio de muitos, excluídos de ser gente, de serem pessoas humanas dentro desse sistema voraz baseado nas relações de produção capitalistas. Para o MST, existe uma realidade clamorosa, realidade de seres negados em sua existência, que são os pobres, aqueles que escondem atrás do clamor desejado um profundo silêncio, sufocado e destruído. Pobres são os que des-vivem sua existência, como nos deixa perceber o educador Hugo Assmann (1990, p. 15) em seu questionamento: “*(...) o clamor dos pobres não reclama de nós uma abertura muito mais radical à transcendência no interior da história, capaz de deixar-se desafiar pela alteridade do pobre mergulhado em seu silêncio?*”

O tema clamor dos pobres está intrinsecamente ligado a outros, como bem atesta Hugo Assmann: “*(...) opção pelos pobres, os pobres como “lugar teológico”, o potencial evangelizador dos pobres, a experiência de Deus na e desde a fé dos pobres, o Deus dos pobres, a Igreja dos pobres, e outros temas afins...*” (ASSMANN, 1990, p. 32). E para nossa concepção, o clamor dos pobres está ligado à pedagogia da mística. Jung Mo Sung (1989) diz que se trata de uma luta constante contra a idolatria do capital e a morte dos pobres. Para isso, torna-se necessário estabelecer outro paradigma, que apresente a vida aos pobres a partir da fé num Deus que se torna parceiro da causa libertadora. É o *aphantésis* entre o sagrado que se faz profano e o profano que se sacraliza.

Segundo João Pedro Stédile (1999), a mística serve ao movimento que se organiza na luta social para compor a unidade de seus militantes. Ele deixa claro que nem a esquerda nem a direita possuem essa dimensão da mística, o que determina nossa tese de que o MST se distingue por

completo da tradição marxista ortodoxa e do capitalismo. Na verdade, assim como a Teologia da Libertação, o MST utiliza o marxismo como mediação sociológica para compreender a sociedade e o próprio homem, mas sem dogmatizá-la.

A mística no MST acontece para fortalecer as pessoas na caminhada, para fazer todos se sentirem bem na participação. A marcha é uma mística do MST. É uma simbologia que caracteriza o povo em movimento. Só participa da marcha quem está bem consigo mesmo, com o outro (a comunidade dos marcheiros) e com Deus, que caminha junto com o povo sofrido. A fase do acampamento demonstra também um período de mística libertadora. Para o sem-terra do MST é um momento de sacrifício, de renúncia, mas de caminhada em busca da Páscoa (outra simbologia cristã). Da cruz à Páscoa. Para se alcançar a Páscoa precisa-se carregar a cruz, mas a cruz já é Páscoa. Ambas estão intrinsecamente ligadas. Cruz na Páscoa, Páscoa na Cruz.

Nesse sentido, discordamos de Fernandes (1999), que vê na mística uma espécie de “*alimento ideológico*”. Não se pode reduzir a mística a um fator ideológico do movimento. Ela é, antes de tudo, alimento da unidade, da esperança, da solidariedade, da compaixão com os outros sem-terra, sem-casas, sem-empregos, sem humanidade.

A mística só tem sentido se faz parte da tua vida. Não podemos ter momentos exclusivos para ela, como os Congressos ou Encontros Nacionais ou Estaduais. Temos de praticá-la em todos os eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento. Queremos que esse sentimento aflore em direção a um ideal, que não seja apenas uma obrigação. Ninguém se emociona porque recebe ordem para se emocionar; se emociona porque foi motivado em função de alguma coisa. Também não é uma distração metafísica ou idealista, em que todos iremos juntos para o paraíso. (STÉDILE, 1999, p. 130-131).

Para o MST não existe contradição entre religiosidade e pensamento ideológico marxista. É possível ir à missa e ser revolucionário. Segundo Stédile (1999: p. 131), “*não existe contradição nenhuma nisso. Ao contrário: a nossa base usa a fé religiosa que tem para alimentar a sua luta, que*

é uma luta de esquerda, que é uma luta contra o Estado e contra o capital". Mas se a mística é uma forma simbólica de sentir-se bem na luta, quais são os símbolos que se caracterizam enquanto mística para o MST? O próprio João Pedro Stédile nos responde:

A bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho, os frutos do trabalho no campo etc. Eles aparecem, também, de muitas formas: no uso do boné, nas faixas, nas músicas etc. As músicas são um símbolo muito importante. O próprio Jornal Sem Terra para o MST, já é mais do que um meio de comunicação. É um símbolo. O militante se identifica, tem afinidade, gosta dele. (STÉDILE, 1999, p. 132).

Na mística do MST, o símbolo materializa o ideal de luta promovida pelo movimento. Numa discussão interessante acerca das pedagogias do movimento, Gentili e McCowan (2003) reafirmam a capacidade que o MST tem de criar novas pedagogias. Pena que dentre elas, os autores acima não apresentaram a pedagogia da mística. No nosso entendimento, todas as pedagogias do movimento - pedagogia da luta social, pedagogia da organização coletiva, pedagogia da terra, pedagogia do trabalho e da produção, pedagogia da cultura, pedagogia da escolha, pedagogia da história e pedagogia da alternância - apresentam em seu interior a pedagogia da mística. Gentili e McCowan (2003, p. 127) destacam a existência da pedagogia da cultura e dentro dela a pedagogia do gesto, a pedagogia do símbolo e a pedagogia do exemplo. Concordamos, mas queremos ampliar essa concepção; e afirmamos que, nas experiências do MST, a pedagogia da mística se encontra presente em todas as outras pedagogias construídas por esse Movimento.

Dessa forma, acreditamos que os gestos, as danças, as rezas, os clamores, as marchas, a bandeira, o hino, as músicas e canções do movimento, os encantos e cantos, enfim, todos os símbolos do MST convergem para a construção de uma verdadeira ação pedagógica, que se estabelece numa dimensão de afrontamento ao sistema capitalista e suas produções ideológicas. Daí acreditarmos que a canção possui realmente a mística da libertação:

Este é o nosso país, esta é a nossa bandeira / é por amor a esta Pátria Brasil que a gente segue em fileira... Queremos que abrace esta terra por ela quem sente paixão, quem põe com carinho a semente pra alimentar a Nação. A ordem é ninguém passar fome, progresso é o povo feliz. A Reforma agrária é volta do agricultor à raiz... (Zé Pinto, cantor popular do MST).

Considerações Finais

Como dizia o poeta Gonzaguinha, a mística é isto:

*quando a atitude de viver é uma extensão do coração,
é muito mais que um prazer, é toda carga de emoção,
que era um encontro com o sonho, que só pintava no
horizonte,
e de repente diz presente, sorri e beija a fronte,
e abraça e arrebatava a gente,
(...) Não há palavra que explique,
Ah! Eu me ofereço esse momento,
que não tem paga e nem tem preço,
essa magia eu já conheço...
é bom dizer: viver valeu! Amar valeu!*

Para finalizar esta reflexão afirmamos que a mística no MST e todas suas ações pedagógicas que tornam os sem-terra sujeitos coletivos podem ser análogas ao que afirmavam Marx e Engels em 1848, a saber:

Um fantasma ronda a Europa – o fantasma do comunismo. Para persegui-lo se unem numa santa aliança todas as potências da velha Europa: o papa e o czar, Guizot e Metternich, os radicais da França e os policiais da Alemanha. (MARX e ENGELS, 2001, p. 49).

Poderíamos dizer hoje que um fantasma ronda o Brasil – o fantasma do MST. Para persegui-lo se unem numa santa aliança todas as potências do velho coronelismo rural: os latifundiários, grandes fazendeiros, empresários do agronegócio e do hidronegócio, a UDR, a bancada ruralista no Congresso Nacional e a Mídia defensora dos ideais elitistas, representada pela revista *Veja* e pelas Organizações Globo. Mas se esquecem de um fator fundamental presente no MST e em todos os movimentos sociais do campo: Deus está com os Sem-Terra na luta e a luta se faz com os Sem-Terra. É nesta esperança que o MST continua construindo

do caminhos de cidadanização popular contra a cidadanização burguesa, a partir de uma sociedade baseada nos valores comunitários.

Sem dúvida, reconhecemos a existência do caráter educativo na pedagogia da mística vivenciada pelo MST no Brasil e entendemos que ela é um instrumento essencial na formação política dos atores sociais que são seus próprios militantes. A mística se apresenta enquanto celebração que possui uma intencionalidade consciente, o que permite um processo que *mobiliza, educa e politiza* os sujeitos em ação. Isso concretiza duas questões fundamentais ao movimento: a identidade coletivo-cultural e a unidade na diversidade ideológica dos atores sociais. Por isso, Cerioli e Caldart (1999, p. 23) não hesitaram em afirmar que a “*a mística é a alma de um povo. A mística do MST é a alma do sujeito coletivo Sem Terra que se revela como uma paixão, que nos ajuda a ‘sacudir a poeira e dar a volta por cima’.* (...) *A mística é a alma da identidade Sem Terra*”.

Assim, não temos dúvida de que a mística é celebrada para se buscar o vinho novo nos odres velhos do sistema capitalista no qual estamos emersos. Daí a profunda radicalidade pedagógica da mística enquanto ação que protagoniza seus atores sociais a anunciar um novo modo de vida, ou seja, “(...) *em vez de anunciar a desordem provocada pela exclusão como a ordem estabelecida, e educar para a domesticação, é possível subverter a desordem e reinventar a ordem, a partir de valores verdadeira e radicalmente humanistas, que tenham a vida como um bem muito mais importante do que qualquer propriedade*”. (CERIOLI; CALDART, 1999, p. 7).

Referências

ASSMANN, Hugo. **Clamor dos pobres e racionalidade econômica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOGO, Ademar. **A vez dos valores**. São Paulo: MST, 1998. Caderno de Formação n. 26

CARVALHO, José Jorge de. **Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea**. Brasília: UnB, 1991. Coleção Cadernos de Antropologia, n.114.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Nossa espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

CASALDÁLIGA, Pedro; VÍGIL, José Maria. **Espiritualidade da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Santo Domingo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli. **Como fazemos a escola de educação fundamental**. São Paulo: MST, 1999. Caderno de Educação n. 9

DUTERVIL, Camila. **Mística sem terra: o co-mover da formação em movimento**. Monografia de Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, UnB, 2005.

FREI BETTO. **Cotidiano e mistério**. São Paulo: Olho d'água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENTILI, Pablo; McCOWAN, Tristan. **Reinventar a escola pública: política educacional para um novo Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Educação não-formal e cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

JUNG MO SUNG. **A idolatria do capital e a morte dos pobres**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MARCEL, Gabriel. **Revolução da esperança**. São Paulo: José Olympio, 1966.

MARX, K.; ENGELS, F. **O manifesto do partido comunista**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. 4. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1976.

_____. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Lisboa: Livraria Moraes, 1967.

NETO, Luiz Bezerra. **Sem terra: aprende e ensina**. Campinas: Autores Associados, 1999.

OFFE, Claus; LENHARDT, Gero. **Problemas estruturais do estado capitalista**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.